P A L A E O H I S P A N I C A
revista sobre lenguas y culturas de la Hispania antigua

2021 | I.S.S.N. 1578-5386
DOI: 10.36707/palaeohispanica.v21i0.424

O Projecto ESTELA e os seus mais recentes resultados

The ESTELA project and its most recent achievements

Amílcar Guerra
Universidade de Lisboa
guerra.amilcar@gmail.com

Pedro Barros
pedrofbarros@gmail.com

Rui Cortes
rui.cortes@cm-almodovar.pt

Resumo: Apresentam-se alguns dos resultados mais significativos do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto ESTELA, especialmente as intervenções arqueológicas realizadas na necrópole da Abóbada, a escavação conduzida no habitat próximo, conhecido como Portela da Arca (Almodôvar) e os resultados da prospecção geofísica levada a cabo no Monte/Vale dos Vermelhos e em Corte Pinheiro 1 (Loulé). Dedica-se atenção a alguns problemas que se levantam em relação a certos vestígios problemáticos, procurando contribuir para uma depuração do *corpus* epigráfico. Por fim, trazem-se ao conhecimento alguns dos mais recentes achados atribuídos à escrita do Sudoeste: o grafito do Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos), recentemente publicado e um achado inédito de uma estela, proveniente do Monte Gonçalo Eanes (Almodôvar).

Palavras chave: Escrita do Sudoeste, Epigrafia pré-romana, Estelas epigrafadas, necrópoles da Idade do Ferro, Idade do Ferro do Sudoeste.

Abstract: Some of the most significant results of the work developed under the ESTELA project are presented, namely the last results of the archaeological research at Abóboda necropolis, the excavations in Portela da Arca habitat (Almodôvar), and the geophysical survey in Monte/Vale dos Vermelhos and Corte Pinheiro 1 (Loulé). Attention is paid to some issues related to certain problematic monuments, giving a contribution to improve the corpus of pre-Roman southwestern Iberia scripts. Finally, we pay attention to some of the most recent epigraphic finds: a recently published graffito from Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos), and an unpublished stella from Monte Gonçalo Eanes (Almodôvar).

Keywords: Southwestern Iberian script, Pre-Roman epigraphy, Inscribed stellae, Iron Age necropolis, Southwestern Iberia Iron Age.

Recepción: 18.02.2021 | **Aceptación:** 05.04.2021

CC BY NC SA

No espírito destes colóquios encontra-se essencialmente a ideia de trazer ao conhecimento e à discussão as novidades registadas nos diversos domínios da Paleohispanística. O contacto mais estreito que mantemos com a região meridional de Portugal e com os problemas conexos com as escritas epicóricas nas suas diversas vertentes justifica que se faça aqui um balanço das principais novidades. Abordam-se fundamentalmente três vertentes. A vertente arqueológica, que constitui sempre uma componente dominante do projecto, conduziu, apesar das limitações dos últimos tempos, a alguns resultados num domínio em que tão pouco se conhece. Aborda-se também um aspecto relacionado com alguns problemas de identificação dos vestígios epigráficos que se podem com propriedade integrar na esfera das escritas epicóricas do Sudoeste península e estamos propositadamente a usar o plural. E por fim, enunciam-se as mais recentes novidades de natureza epigráfica. Ainda que o aparecimento de novas estelas seja cada vez mais esporádico, a área serrana entre o Alentejo e Algarve, na qual o projecto tem incidido particularmente, continua a proporcionar novos vestígios. Mas também os grafitos, um mundo à parte das estelas, ainda mais variado e complexo, não deixa de contribuir para o alargamento do panorama epigráfico pré-romano do Sudoeste. Desta vez surpreende o facto de estarmos perante um dos vestígios mais setentrionais que se conhece.

1. Estudo dos Contextos Arqueológicos

Quando, há alguns, se identificou um número substancial de monumentos na área de Almodôvar, uma séria de iniciativas decorreu desses achados, não apenas as de natureza estritamente científica, mas também de divulgação. A constituição, em 2007, do Museu da Escrita do Sudoeste, constituiu, em termos locais, uma das mais relevantes, mas também o desenvolvimento do projecto ESTELA teve o seu impacto, tendo dado cobertura a um conjunto variado de actividades de investigação e de divulgação em torno da escrita do Sudoeste.

No plano científico, a componente que nos parece mais importante, reside especialmente na vertente arqueológica, tanto no plano da prospecção como no da escavação de sítios mais evidentemente ligados com a realidade da escrita pré-romana da região em que incide o projecto.

Neste âmbito tem havido pela parte do Projecto ESTELA a problematização das questões arqueológicas associadas aos seus contextos, cultura material, território e cronologias, à luz da revisão de dados antigos e de novos

trabalhos (Melro e Barros 2010; Guerra, Barros e Melro 2016; Guerra, Mataloto e Barros 2019).

De uma primeira fase dos trabalhos de sistematização desta informação e relocalização no terreno, dos locais das estelas com escrita do Sudoeste na Serra do Caldeirão (Figura 1), em particular nos concelhos de Almodôvar e Loulé (Guerra, Barros e Melro 2016), resultaram algumas conclusões.

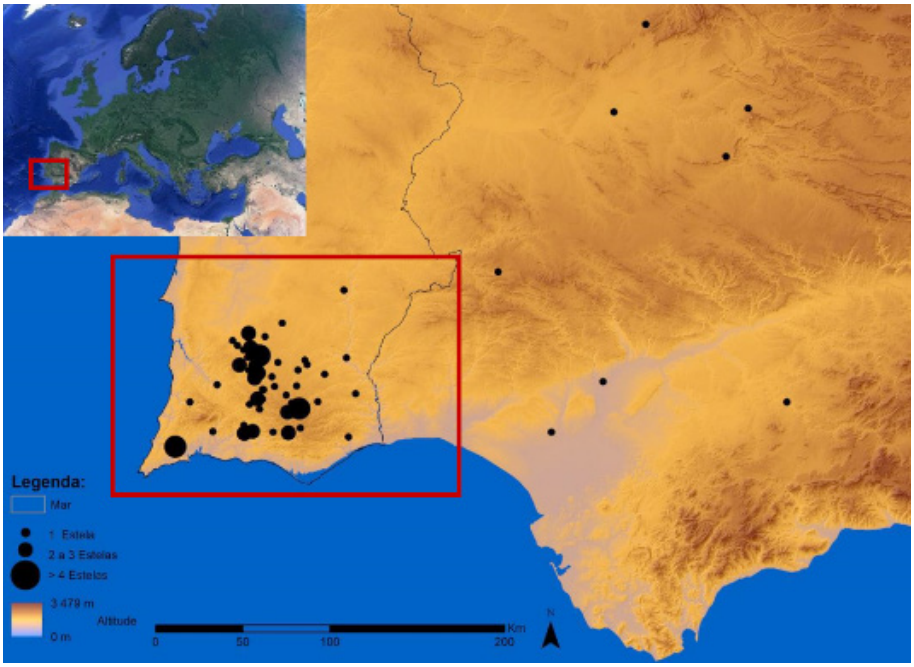

Fig.1. Localização das estelas com escrita do Sudoeste.

Desde logo, verificou-se que as localizações das estelas remetem para antigos lugares de referência territorial desde época pré-histórica (linhas de festo, portelas, zonas de planalto, principio/fim de vales abertos, entre outros). Tal sugere assim que podem ter funcionado como marcos delimitadores territoriais e simultaneamente, como marcos essenciais da paisagem, dispostos em locais chave na marcação de espaços e no trânsito pelo território (Melro, Barros e Santos 2010; Guerra, Barros e Melro 2016).

Também é de referir que a revisão cronológica da cultura material destas necrópoles, e do então chamado "Ferro de Ourique" (Beirão e Gomes 1980 e Beirão 1986), centrou esta realidade, e o fenómeno da escrita do Sudoeste que lhe surge associado, em torno dos séculos VI/ V a.C. (Arruda 2001; Tor-

res 2002; Jiménez Ávila 2002-2003). Ou seja, são necrópoles associadas a um momento marcado pelo incremento da ocupação rural em todo o Sudoeste (Mataloto 2004; Guerra, Mataloto e Barros 2019).

Outra das constatações é a notória interioridade do fenómeno. Há um contraste entre os primeiros pontos de contacto com a fácies orientalizante na faixa costeira, centros de influência e trocas comerciais, e a ruralidade do interior. A faixa costeira não apresenta, qualquer vestígio de estelas com escrita do Sudoeste e ao contrário, eles são particularmente abundantes na Serra do Caldeirão e Baixo Alentejo (Guerra, Barros e Melro 2016). Ainda neste interior, outro ponto de referência são as necrópoles contemporâneas em torno de Beja. Aqui após milhares de metros quadrados escavados não revelaram um único testemunho de escrita do Sudoeste (Guerra, Mataloto e Barros 2019), à parte dos pequenos fragmentos da Folha do Ranjão, Beja (Faria, Soares e Soares 2014).

Outro aspecto relevante tem que ver com a questão dos rituais, verificando-se que as necrópoles de Beja são praticamente exclusivas de inumação (Guerra, Mataloto e Barros 2019), tal como ocorre pontualmente no sul do Algarve mas nesta zona estão associadas a estelas com escrita do Sudoeste (Parreira e Barros 2007), já no Baixo Alentejo e na Serra do Algarve generalizam-se os rituais de cremação (Barros, Melro e Gonçalves 2013).

Enfim, outra das conclusões que se destaca é a utilização primária das estelas. Pondo de parte as estelas reutilizadas em sítios romanos ou no edificado rural moderno; ou provenientes de recolhas superficiais; ou mesmo de trabalhos arqueológicos sem registos publicados; constata-se que é reduzido o número de necrópoles escavadas onde o reaproveitamento das estelas com escrita do Sudoeste ocorre nas estruturas atribuídas à Idade do Ferro (Guerra, Barros e Melro 2016).

Dos 8 locais onde tal acontece apenas no sítio arqueológico da Mealha-a-Nova são apresentados alguns dados das escavações que corroboram uma origem *in situ*. Contudo, deve-se ter presente que a intervenção arqueológica ocorreu após a destruição da necrópole pela lavra mecânica antes da chegada dos arqueólogos em 1970 (Figura 2), o que sem descurar a hipótese desta se encontrar *in situ* defendida à época (Dias; Beirão; Coelho 1970; Beirão 1986), levantamos, porém, algumas reservas (Guerra, Barros e Melro 2016).

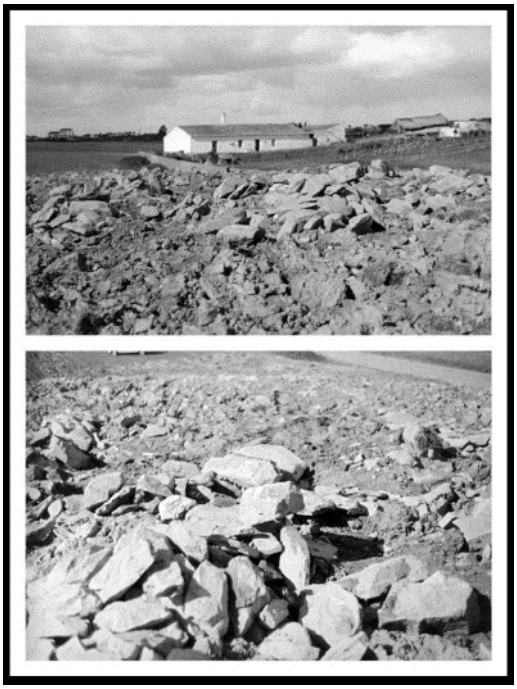

Fig.2. Fotografias da necrópole da Mealha-a-Nova (Ourique) aquando da sua descoberta (Beirão 1986).

Julgamos, assim, que há uma reutilização ou abandono dos monumentos epigráficos nos contextos funerários, não se conhecendo nenhum caso em que se possa afirmar categoricamente que as estelas são contemporâneas das sepulturas em que elas aparecem (Guerra, Barros e Melro 2016). Disso são exemplo a identificação de distintas fases em Neves II (Maia 1988), Medellín (Almagro-Gorbea 2004), Pardieiro (Vilhena 2006), Abóbada (Barros, Melro e Gonçalves 2013). Ou seja, tal implica haver um desencontro temporal entre a utilização primária das estelas com as necrópoles (Vasconcellos 1913; Guerra, Barros e Melro 2016). Este facto não lhes retira a função funerária (Veiga 1891; Dias, Beirão e Coelho 1970; Beirão 1986; Correia 1995-1997; Vilhena 2006), mas a interpretação não deve excluir outras hipóteses, dentro de um quadro de variabilidade utilitária que poderiam ter (Guerra, Barros e Melro 2016).

A questão da reutilização das estelas foi um dos motivos que nos levou à realização de uma segunda fase dos trabalhos. Assim, iniciamos as escavações arqueológicas na necrópole da Idade do Ferro da Abóbada em Almodôvar, que se localiza no Vale do rio Mira em prolongamento dos sítios arqueológicos intervencionados na década de 70 no concelho de Ourique (Dias e Coelho 1971), aqui pretendeu-se esclarecer os contextos associados à estela do guerreiro.

Neste sítio arqueológico (Figura 3), apesar da sua afectação pela lavra mecânica, foi possível registar três práticas de enterramento distintas (Barros, Melro e Gonçalves 2013): dois monumentos funerários pétreos quadrangulares, diversos covachos com deposição secundária das cremações onde uns eram em fossa simples e um outro, em fossa simples, mas com urna. É sobre esta última fossa simples com urna que foi identificada a estela do "guerreiro" com face gravada voltada para o chão. Considera-se que esta terá sido reutilizada, pois não há indícios de qualquer contexto arqueológico que sustente uma disposição vertical desta epígrafe. Já o escasso espólio aqui encontrado permitiu situar a necrópole entre a 2ª metade do século VI a.C. e essencialmente em torno do século V a.C.

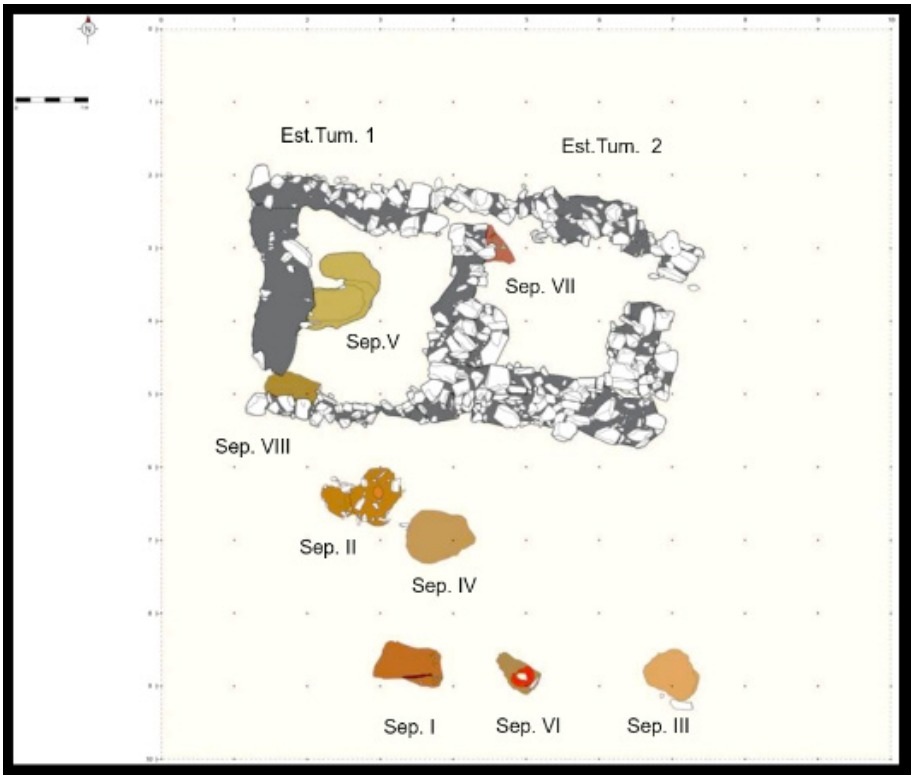

Fig.3. Planta das estruturas e enterramentos da Abóbada (Almodôvar).

Associado ainda a este mundo dos mortos intervencionamos o vizinho povoado da Portela da Arca (Figura 4), na outra margem do rio Mira (Guerra, Mataloto e Barros 2019). Neste sítio arqueológico identificou-se um monte com 4 ou 5 compartimentos e algumas áreas contíguas exteriores ocupando a

totalidade do pequeno cerro e com uma disposição ortogonal organizada com as entradas a nascente. Nas estruturas identificadas há a evidência de pelo menos dois momentos de construção onde se testemunha a sua sobreposição.

Tal como na necrópole da Abóbada o conjunto material recolhido foi escasso. Este é composto por cerâmicas onde se destacam, recipientes domésticos de consumo e de pequena armazenagem, de manufactura manual ou de torno lento, recipientes carenados e superfícies bem alisadas ou mesmo brunidas e uma forma anfórica do tipo R1. A cronologia dos materiais remetem para o início do processo de densificação do povoamento rural, ou seja, em torno do século VI a.C., as mesmas cronologias da necrópole da Abóbada senão mesmo um pouco antes.

Fig. 4. Vista geral da Portela da Arca (Almodôvar).

Ainda no âmbito dos trabalhos de prospecção arqueológica outra das áreas que mereceu a nossa atenção foi o vale da Ribeira do Vascão que separa o Algarve do Alentejo. Aqui, ao longo de 10Km, num vale bem marcado com vertentes íngremes, foram relocalizadas e identificadas 6 necrópoles, 2 povoados e um conjunto de 10 estelas com escrita do Sudoeste (Melro e Barros 2010; Melro, Barros e Santos 2010; Barros, Melro e Estrela 2014; Guerra, Barros e Melro 2016; Barros, Melro e Estrela 2017).

As necrópoles apresentam como característica terem proporcionado quase todas uma ou mais estelas associadas, e de se encontrarem numa localização próxima das linhas de água principais, sendo este um elemento guia na localização do fenómeno epigráfico e que parece ter sido determinante. Localizam-se também no fundo dos vales tendo uma fraca visibilidade.

Em dois destes sítios arqueológicos foram realizadas prospecções arqueológicas complementares, com recurso a métodos geofísicos. Apesar do elevado grau de resolução dos dados, deve-se ter como reserva que há limitações tecnológicas e circunstâncias na leitura destes resultados, nomeadamente os que decorrem da reduzida dimensão da área prospectada, da pouca profundidade dos contextos arqueológicos e do "ruido" face à proximidade de formações geológicas como as ribeiras e o afloramento geológico (Meyer e Freibothe 2019).

De forma geral, depois de distinguidas algumas realidades não arqueológicas, como as perturbações contemporâneas e o substrato rochoso, as realidades arqueológicas foram separadas por estruturas negativas que podem corresponder a fossos e sepulturas com materiais arqueológicos; por estruturas positivas; e, num dos sítios, por locais onde terá havido combustão (Meyer e Freibothe 2019).

A necrópole de Monte/Vale dos Vermelhos, onde foram identificadas 3 estelas com escrita do Sudoeste, foi intervencionada por Caetano de Mello Beirão na década de 70 do século XX (Vasconcelos 1927-1929; Franco e Viana 1945; Beirão; 1986; Barros e Melro n.p.). Contudo, aparentemente, este apenas terá realizado uma decapagem superficial no local.

Ainda assim aqui são visíveis vários eixos ortogonais (Melro e Barros 2010; Barros, Melro e Estrela 2014; Barros, Melro e Estrela 2017) que definem mais de 6 sepulturas quadrangulares e outras de definição menos evidente, bem como algumas pedras fincadas na vertical de médias dimensões. Numa área de cerca de 200m^2 a concentração de pedras apresenta grandes blocos de xistos grauvaques, xisto azul e alguns quartzos.

Os resultados da prospecção geofísica com magnetómetro (Figura 5) permitiu identificar contextos arqueológicos e estruturas que estiveram sob a influência do fogo, bem como delimitar estruturas positivas e negativas (Meyer e Freibothe 2019). No caso de Vale dos Vermelhos, numa área superior a 1000m^2, para além de se confirmar o que se constata à superfície, estes trabalhos contribuíram para definir melhor os limites da necrópole podendo haver algumas sepulturas fora da área de concentração das pedras.

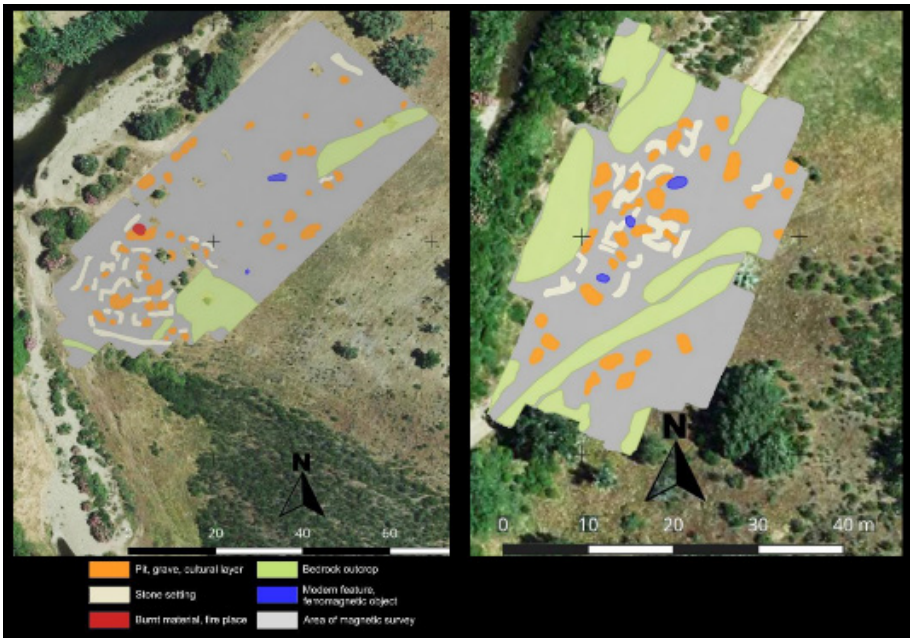

Fig. 5. Resultados da prospecção geofísica em Monte/Vale dos Vermelhos e Corte Pinheiro 1 (Loulé).

O outro sítio arqueológico alvo deste tipo de trabalhos (Figura 5) foi Corte Pinheiro 1 (Melro et al 2009; Guerra 2009; Melro e Barros 2010; Barros, Melro e Estrela 2014; Barros, Melro e Estrela 2017) que também se encontra num terreno relativamente plano em leito de cheia. A necrópole é perfeitamente percetível pela grande concentração pétrea, de forma espalhada e não amontoada, composta por xistos azuis, grauvaques e blocos de quartzo. Esta parece estar delimitada por alinhamentos numa área com cerca de 350m^2, onde são raros os materiais arqueológicos, apesar de aí se ter identificado uma estela com escrita do Sudoeste.

Os trabalhos de prospecção geofísica vieram, por um lado, confirmar o bom estado de preservação e potencialidade deste local, e por outro, permitiram duplicar a zona onde parece haver vestígios arqueológicos. Assim, numa área de quase 3500m^2 destaca-se a identificação de uma zona sujeita a grandes alterações térmicas (Meyer e Freibothe 2019), sendo muito aliciante pensar na sua funcionalidade quando estamos num contexto de necrópoles de incineração.

2. Depuração do corpus epigráfico

Mesmo tratando-se de um *corpus* relativamente reduzido, os problemas suscitados pela natureza dos monumentos, isto é, a sua verdadeira integração no que designamos como escrita do Sudoeste constituem uma vertente relevante da investigação. Permanece ainda alguma incerteza em relação às linhas gerais que devem pautar a inclusão dos monumentos epigráficos dentro dessa categoria. Esta questão encontra-se, todavia, fora dos nossos propósitos, neste contributo.

Mais relevante é contribuir para a melhoria do corpus, tanto através de correcção de leituras, como por meio da depuração do corpus epigráfico consagrado pela tradição dos estudos. Uma das dificuldades maiores, neste último processo, resulta do facto de a grande maioria dos monumentos terem como suporte placas de xisto, um material muito abundante em boa parte do espaço de dispersão dos achados.

A tendência laminar do xisto, que produz superfícies planas, aptas para a escrita, e a sua baixa dureza, encontram-se na origem de um problema que afecta este domínio da investigação. Não é raro aparecerem notícias de novas descobertas de monumentos que pertenceriam a este grupo, mas em relação às quais se levantaram enormes reservas e, em consequência, acabaram por não integrar o corpus respeitante a estes monumentos. Talvez um dos casos mais notórios teve que ver com a notícia da existência de um grande núcleo epigráfico a que foi dado o nome de Almofadinha (Barrancos, Beja) e sobre o qual se chegou a organizar um encontro subordinado ao tema "As epigrafes da Almofadinha", que decorreu no Museu de Barrancos a 12 de Abril de 2008, na qual um dos signatários (Amílcar Guerra) manifestou-se contra a inclusão desses vestígios no quadro das escritas antigas.

Na realidade, a toda a hora podemos encontrar nesta região placas de xisto de dimensão variada que parecem conter signos facilmente comparáveis com alguns dos que integram o repositório da chamada escrita do Sudoeste. Mas em muitos casos trata-se de riscos aleatórios, que parecem corresponder especialmente aos que são constituídos por linhas rectas, mas que, na generalidade, são produzidos pela lavoura, em particular pelas pontas afiadas dos arados. Na maioria dos casos esta origem acidental é evidente e, portanto, as decisões são fáceis de tomar. Mas num número restrito de casos podem levantar-se dúvidas sobre a sua verdadeira natureza. Esta questão coloca-se, com toda a pertinência, a respeito do que se consideram ser os vestígios epi-

gráficos da Colecção José Rosa Madeira, que habitualmente se integram no repositório da referida escrita.

2.1. Inscrições da Colecção José Rosa Madeira (Museu de Faro)

Nascido a 4 de Outubro de 1890, na aldeia serrana de Ameixial (Loulé), José Rosa Madeira foi um homem de cultura, atento e interventivo. Fora do âmbito da arqueologia é bem conhecida a sua relação com a poeta António Aleixo, que conheceu desde cedo e, exercendo o ofício de relojoeiro na sede do concelho, interessou-se especialmente pela arqueologia da sua terra natal, que considerava corresponde à antiga cidade de *Arandis*, de localização desconhecida. O seu interesse científico por esta vertente levou a recolher um considerável espólio que hoje se encontra em boa parte no Museu Infante D. Henrique, em Faro.

A este é dedicado um interessante trabalho (Franco e Viana, 1945) que compreende essencialmente o inventário do principal espólio por ele recolhido, mas que é precedido de algumas considerações de natureza biográfica. Através delas ficamos a saber da sua paixão pela arqueologia e da persistente recolha de um notável conjunto de materiais que guardou ciosamente em sua casa, na sua quase totalidade. Entre as excepções contam-se "algumas inscrições ibéricas" que, segundo essa mesma fonte, ele ofereceu ao Museu Etnológico por intermédio de Manuel Heleno (Franco e Viana, 1945, p. 5; Machado, 1964, p. 93; Barros, Melro e Estrela, 2014, p. 12; Barros, Melro e Estrela, 2017), naturalmente na altura em que este dirigia a instituição. A outra seria constituída por monumentos similares, mas oferecidos desta vez ao Museu Arqueológico de Faro, em 1932 (Franco e Viana 1945, 5-6). Este monumento foi pouco depois publicado por José Leite de Vasconcelos[1], o qual assinala precisamente esse depósito de José Rosa Madeira, ao mesmo tempo que identifica a sua proveniência: "Apareceu enterrada num campo próximo do sítio da Portela e da ribeira do Vascão, freguesia do Ameixial /.../" (Vasconcelos, 1934, p. 43).

O depósito do núcleo estudado por Lyster Franco e Abel Viana resultou de uma decisão tomada pela família e executada pelo seu filho, José Maria

1 Vasconcelos, 1934. Trata-se da estela MLH J.11.2 (Schmoll, 1961, p. 5 n. 25; Gómez-Moreno, 1962, pp. 28–29 n. XIII; Maluquer, 1968, p. 148 n. 312; Beirão, 1986, pp. 129, 140 n. 21; Correia, 1996, p. 91 n. 21) colocada por Beirão no Tavilhão, concelho de Almodôvar, mas na realidade originária de um local algo distante, o Monte da Portela, que fica já no município de Loulé.

Carrilho Madeira, na sequência da qual decidiram doar o restante espólio a essa unidade museológica algarvia. Os autores procedem ao estudo dos materiais, ordenados cronologicamente, reservando um apartado para os oito objectos integrados na Idade do Ferro (Franco e Viana 1945, 26–28 e Fig. 10) em que sobressaem as inscrições na escrita pré-romana tão característica daquela região serrana.

Descrevem-se aí sumariamente cinco "inscrições turdetânicas" (nn. 66-70), uma das quais passou a ser integrada, sem contestação, no *corpus* epigráfico das estelas com escrita do Sudoeste, a identificada com o n. 66 (Franco e Viana, 1945, pp. 25–26, Fig. 10), designada habitualmente como "Vale dos Vermelhos I" (MLH J.7.3, Beirão 1986, p. 129, n. 19, Correia 1996, p. 92, n. 22). As restantes, pelas dúvidas que suscitavam, não foram consideradas como passíveis de integrar esse repositório.

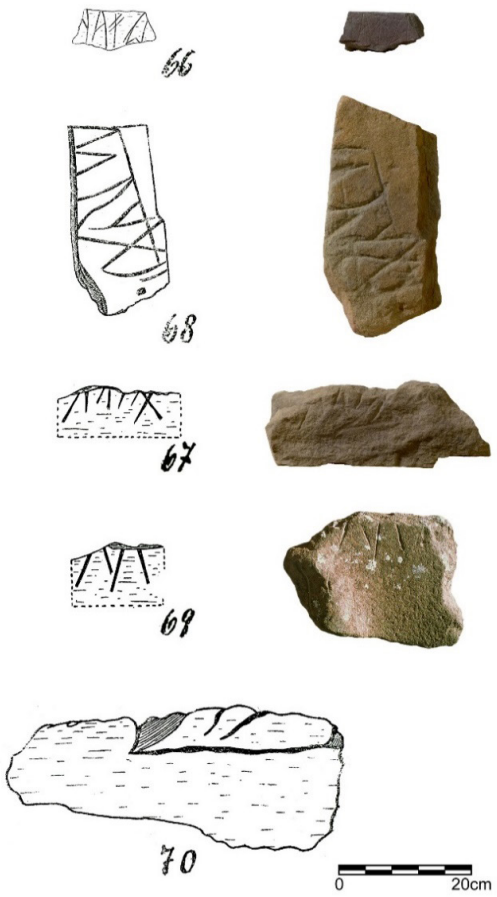

Fig. 7. Os materiais inscritos da Idade do Ferro publicados por Franco e Viana 1945.

No entanto, mais recentemente, Virgílio Hipólito Correia, reanalisou dois destes vestígios e considerou haver razão para modificar a opinião tradicional. O primeiro deles, que designou como Ameixial V, corresponde a L. Franco e A. Viana (1945, 26, nº 67; decalque, p. 27 foi por ele considerado um monumento que conservaria uma sequência de três ou quatro caracteres, de "leitura praticamente impossível", mas onde identifica um **t**^{a} e um **l** que poderiam corresponder a **t**^{a}***l*** (Correia, 2004, p. 246).

Um outro, dado como proveniente de Ameixial (Franco e Viana, 1945, pp. 26–27, n. 67, Fig. 11), uma referência que esconde a circunstância de se desconhecer o local exacto da sua proveniência, apesar de aludir a "alguma inépcia do lapicida", considera ser possível propor uma leitura]**ɾor**[(Correa, 2006, p. 297).

José Antonio Correa recolheu e resenhou estes dois vestígios, considerando que no primeiro deles o signo lido como **t**^{a} era duvidoso e, sendo suposto seguir-se-lhe um **a**, tal não parecia ocorrer na gravação. Quanto ao segundo, reconhece a existência de alguns traços a mais e uma cartela que não cumpre a sua função (Correa 2006, p. 297).

Como acima se referiu, os vestígios epigráficos que contém este sistema de signos podem confundir-se com algumas gravações ocasionais em contexto rural, como foi este o caso. Apesar de estes elementos serem conhecidos de Caetano Beirão e Jürgen Untermann, não foram integrados nos seus repertórios e a sua avaliação crítica parece-nos acertada. Por isso, apesar de mais recentemente se ter admitido a sua inclusão no conjunto de manifestações associadas à escrita do Sudoeste, é mais prudente não as considerar à parte da identificada com o n. 66 (Franco e Viana, 1945, pp. 25–26, Fig. 10).

2.2. Inscrição da Cortelha, Loulé

Em meados de 2018, foi trazido ao nosso conhecimento uma inscrição encontrada no sítio da Cortelha, freguesia de Salir, concelho de Loulé, distrito de Faro. A epígrafe, gravada pelo processo de abrasão, o mais habitual na escrita do Sudoeste, não parecia corresponder à primeira vista a um texto em caracteres latinos e, por isso, colocou-se a possibilidade de que essa manifestação fosse mais antiga. Ainda que o monumento não apresentasse alguns elementos típicos de uma boa parte das estelas, como por exemplo o enquadramento em cartela, essa particularidade não pode, de modo nenhum considerar-se essencial na caracterização desse tipo de manifestações.

Fig. 8. Inscrição da Cortelha, Loulé, Faro.

Uma posterior análise, todavia, levou a que se afastasse essa hipótese, considerando-se uma inscrição mais recente, ainda que o seu conteúdo não seja claro.

3. Os mais recentes documentos

3.1. O grafito do Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos, Santarém.

As novidades no âmbito da escrita pré-romana no Sudoeste manifestam-se também em grafitos. Foi recentemente publicado, num contributo dedicado à cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro (Rodrigues *et al.*, 2020, pp. 55–56), um notável sítio arqueológico situado no curso do Baixo Tejo, mais um testemunho epigráfico que se inclui nas manifestações de escrita epicórica pré-romana do extremo Ocidente. Trata-se de um grafito sobre um fragmento de cerâmica cinzenta, gravado após a cozedura, circunstância que com frequência se interpreta como uma marca de possuidor.

À semelhança do que já tinha acontecido com o grafito de Abul estes vestígios epigráficos enquadram-se nestas culturas letradas de marca fenícia, que se manifestam especialmente através de grafitos sobre cerâmica, mas também sobre outros suportes, e cuja presença no estuário do Tejo foi recentemente inventariada de forma breve (Arruda, 2020, p. 220). Neste trabalho se refere igualmente o grafito do Porto do Sabugueiro no território português (Arruda, 2020, p. 321-322, Fig. 3).

Fig. 9 . Foto do grafito do Porto do Sabugueiro (desaparecido), segundo Rodrigues et al. 2020, 56, Fig. 11.

Infelizmente o vestígio epigráfico é conhecido apenas por fotografia, desconhecendo-se o seu paradeiro, mas a leitura da sequência, esgrafitada num pequeno fragmento de cerâmica cinzenta, parece clara, ainda que não seja inequívoca. Como assinalam os autores da publicação (Rodrigues *et al.*, 2020, p. 55), os signos pertencem ao sistema da escrita do Sudoeste, registando-se aí, segundo eles, uma sequência **+t^{i}i**, (também em Arruda 2020, 321). Para além da correspondência do signário, contribui decisivamente para esta integração o facto de se atestar a redundância, um dos seus elementos característicos.

3.2. A estela do Monte Gonçalo Eanes, Almodôvar

Quando, em 1997, se constitui o Museu da Escrita do Sudoeste, em Almodôvar, era previsível que uma mais ampla divulgação pública dessa manifestação tão característica pudesse contribuir para o registo de novos achados nessa área. Seria lógico que os visitantes desse núcleo museológico, especialmente os locais, mais informados sobre as características dessa escrita e natureza dos seus monumentos trouxessem ao conhecimento outras epigrafes ainda desconhecidas. Essa circunstância acabou por se verificar no caso da estela do Monte Gordo, um dos mais interessantes vestígios de aparecimento recente.

No entanto, na sua globalidade, o ritmo a que se têm identificado novas estelas é lento, mas não seria de esperar outra coisa de uma manifestação epigráfica de expressão numericamente reduzida.

A estela de Monte Gonçalo Eanes foi identificada casualmente no dia 30 de setembro de 2020, no decurso de trabalhos com máquina escavadora, junto à estrutura habitacional do Monte Gonçalo Anes (mas que aparece também sob a forma "de Gonçalo Anes"), propriedade do Sr. António Manuel Palma[2]. Nessa ocasião, o maquinista, o Sr. Tiago Fernandes, apercebeu-se que um dos blocos de xisto postos a descoberto na sequência da sua intervenção apresentava possíveis gravações, tendo-se confirmado a suspeita, facto que foi igualmente corroborado pelo proprietário do terreno. Este último comunicou aos serviços de arqueologia do Município de Almodôvar, dirigiu-se ao local um dos signatários (Rui Cortes), o qual, na sua qualidade de arqueólogo e técnico superior do município, confirmou tratar-se de uma inscrição com escrita do Sudoeste. O monumento epigráfico foi recolhido e encontra-se à guarda do Museu da Escrita do Sudoeste por cedência do proprietário.

A estela estava reaproveitada, fora do seu contexto original, encontrando-se a tapar um canal destinado ao antigo escoamento de águas residuais. Não é possível, de momento, relacioná-la com qualquer indício arqueológico coetâneo, não se conhecendo qualquer estrutura funerária ou habitat que pudesse associar-se com este vestígio epigráfico. Espera-se que futuras prospecções na

2 Devemos um especial agradecimento ao Sr. António Manuel Palma que concedeu todas as facilidades para o estudo da estela, mas para além disso, tem demonstrado um elevado sentido do bem comum, pondo à disposição do município o monumento para investigação e futura fruição pública.

área permitam estabelecer uma relação entre o monumento e o seu eventual proveniência e contexto.

O referido "monte" situa-se no concelho de Almodôvar, na freguesia com esse mesmo nome, actualmente integrada na união de freguesias de Almodôvar e Graça de Padrões. Essa estrutura agrícola encontra-se junto ao curso da Ribeira de Oeiras e não longe do lugar de Guedelhas. Neste último sítio foi em tempos identificada um fragmento algo problemático de uma epígrafe incluída geralmente neste grupo e que foi já identificada por Frei Manuel do Cenáculo, tendo sido incluída no seu Álbum I com o n.º 13 e recolhida nos sucessivos repositórios (MLI LXX; Schmoll 1961, n. 9; Beirão 1986, n. 8; Correia 1996, 78, n. 8; Untermann não a inclui propriamente no repositório, mas nas inscrições que suscitam problemas, correspondendo a MLH J(17)).

O lugar do achado (com as coordenadas 37 29' 05" N; 8 00' 23" W; GPS 37.4848; -8.0067) encontra-se 315 m de altitude na zona de transição entre a peneplanície alentejana e a área mais acidentada correspondente ao que se conhece genericamente como a "serra algarvia", neste caso correspondente à serra do Caldeirão. Como se sabe, nesta área tem-se identificado um conjunto significativo de estelas.

Fig. 10. A estela do Monte Gonçalo Eanes.

O monumento (Figs. 10-12) usou como suporte um bloco de xisto com uma coloração relativamente uniforme, oscilando entre o castanho claro e creme, matéria prima que, para além de ser muito habitual na região, é a que geralmente se usa, pelas suas peculiares características, neste tipo de vestígios. As suas dimensões máximas são as seguintes: Altura - 67 cm; largura - 48 cm; espessura - 9 cm.

Trata-se de um fragmento de estela a que falta pelo menos a parte superior e que apresenta a sequência final de uma inscrição cuja organização geral não é possível determinar. Dada a circunstância de, aparentemente, o texto conservado se encontrar junto ao limite do bloco, não seria inviável admitir que se tratasse de um texto que se organizasse numa orientação tríplice: primeiro ascendente, depois horizontal e, por fim, descendente, contornando o campo epigráfico. Infelizmente, pelos vestígios subsistentes na parte conservada não é possível garantir a existência de quaisquer vestígios do seu eventual início. É possível identificar alguns traços finos, paralelo ao limite do bloco, que poderiam desenhar uma cartela, mas esses elementos, entre tantos riscos acidentais que a pedra sofreu, tornam-se bastante problemáticos. Por outro lado, não se reconhecem quaisquer caracteres que pudessem ter sido gravados nesse segmento.

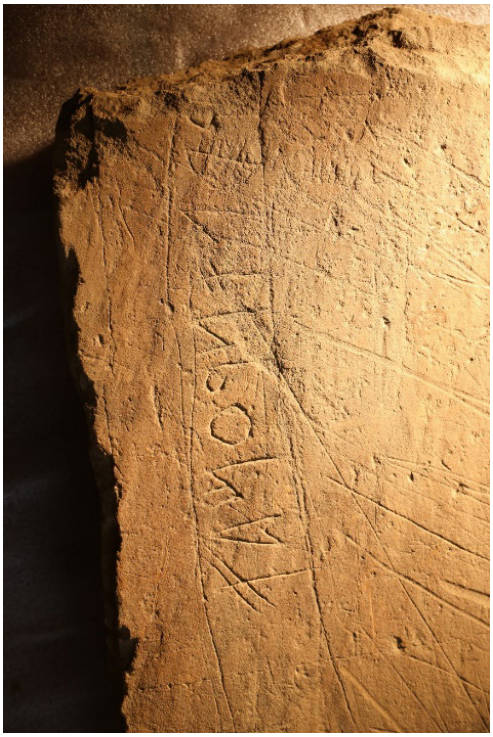

Fig. 11. Pormenor da parte inscrita da estela do Monte Gonçalo Eanes.

No seu estado actual a estela apresenta uma sequência composta por 10 signos, 9 dos quais completos e legíveis e um parcialmente conservado, todos eles enquadrados por cartela, geralmente bem definida, mas num dos seus segmentos a linha exterior subdivide-se num duplo traço, passando o seu alinhamento mais interior e menos marcado a servir de referência à dimensão dos caracteres.

Não passa despercebido que aos referidos signos, enquadrados pela cartela, se deve acrescentar pelo menos um outro, delineado mais tenuemente no lado interior, repetindo o caracter representado imediatamente acima, correspondente a um signo com grafia pouco comum, meia-lua com traços horizontais paralelos, cujo valor fonético se desconhece. Parece evidente que a configuração que ele assume corresponde bem à que ocorre no penúltimo caractere (n.º 26) da primeira linha (a exterior) do signário de Espanca, desenhado de forma algo distinta na segunda linha. Este é, na realidade, o único caso em que essa semelhança é inequívoca. Trata-se, portanto, de um registo único no panorama das estelas epigrafadas do Sudoeste, que confirma a sua ocorrência no signário de Espanca, para o qual se conjecturou, mais recentemente, que poderia ter formalmente que ver com o , habitualmente transcrito como **ŕ**, ainda que o seu valor fonético pudesse ser outro (Ferrer i Jané, 2020, p. 997).

O facto de se tratar do primeiro registo inequívoco em estelas não deixa de ser surpreendente, mas chama a atenção para a circunstância de não existir uma uniformidade do sistema, daí que sejam especialmente frequentes, neste contexto, caracteres que apresentam configurações raras ou únicas.

Foi particularmente a forma dada a este mesmo signo n.º 26 na segunda linha da laje de Espanca que um dos signatários conjecturou a sua aproximação com o raro signo que ocorre na estela de Mesas do Castelinho (Guerra 2009), proposta que, perante este exemplo, se torna menos viável. Para este se propuseram igualmente hipóteses de ser um numeral (Rodríguez Ramos, 2015, p. 134), ou equivalente ao S41, de valor fonético controverso (Ferrer i Jané, 2018, p. 223).

A transcrição será a seguinte:]**r** **ionb^{e}eit^{o}o**. Registam-se, nesta pequena sequência as principais características de escrita das estelas: a tendência mais geral para a orientação sinistrorsa e extroversa e a particularidade da redundância.

Fig. 12. Decalque da parte correspondente à área epigrafada.

Se o primeiro caracter, como parece mais viável, corresponder ao que normalmente se transcreve como **r** (e para o qual se consideraram outras possibilidades, em especial a de **ŕ**), tornaria inviável, por exemplo, que o signo que se lhe segue, o 𐤃, pudesse corresponder ao outro /r/ deste sistema. No entanto, apesar de não se vislumbrar melhor alternativa, não é de todo segura essa hipótese interpretativa para o signo só parcialmente conservado.

No panorama das estelas inscritas do Sudoeste, este fragmento é, portanto, mais um pequeno contributo para o um *corpus* reduzido e em que as sequências seguras são sempre desejáveis. Neste caso a novidade de um signo presente no signário de Espanca, mas que até agora não estava inequivocamente representado em qualquer estela, constitui mais um motivo para o seu interesse.

REFERÊNCIAS

Almagro-Gorbea 2004: M. Almagro-Gorbea, "Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín", *Palaeohispanica* 4, 2004, 13-44.

Arruda 2001: A. M. Arruda, "A Idade do Ferro pós-orientalizante no Sudoeste peninsular: geografias e cronologias", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2), 2001, 207-291.

Arruda 2020: A. M. Arruda, A. M. (2020) "Fenícios e indígenas no território português: o estuário do Tejo como paradigma", *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 27, 2020, 317-326.

Barros e Melro n.p.: P. Barros e S. Melro, "Cômoros da Portela (Silves): apontamentos de Manuel Heleno sobre a escrita do Sudoeste", em: *Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, 9. Troia-Setúbal,* 2016.

Barros, Melro e Estrela 2014: P. Barros, S. Melro e S. Estrela, "As Estelas com escrita do Sudoeste do concelho de Loulé", *Al-Ulya* 14, 2014, 7-24.

Barros, Melro e Estrela 2017: P. Barros, S. Melro e S. Estrela, "Na descoberta das estelas epigrafadas de Loulé", Em: *Loulé Territórios, Memórias, Identidades. Museu Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 2017, 238-245.

Barros, Melro e Gonçalves 2013: P. Barros, S. Melro e D. Gonçalves, "A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar)." *In VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, 1157-1178. Villafranca de los Barros.

Barros, Melro e Santos 2010: P. Barros, S. Melro e P. J. Santos, "Projecto Estela: uma revisão dos dados e primeiros resultados dos trabalhos nas serras de Mú e Caldeirão". In Encontro de Arqueologia do Algarve, 7, Silves, 2009. Actas *Xelb*. Silves 10, 115-128.

Beirão 1986: C. de M. Beirão, *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1.er Âge du Fer)*, Paris 1986.

Beirão e Gomes 1980: C. de M. Beirão e M. V. Gomes, *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal: Epigrafia e cultura*, Lisboa 1980.

Correa Rodríguez 2006: J. A. Correa Rodríguez, "Crónica epigráfica del Suroeste", *Palaeohispanica* 6, 2006, 295–298.

Correia 1995-1997: V. H. Correia, "A epigrafia pré-latina de Bensafrim", *O Arqueólogo Português* Série IV 13-15, 1995-1997, 181-209.

Correia 1996: V. H. Correia, *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto 1996.

Correia 2004: V. H. Correia, "Duas epígrafes do sudoeste do Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique (Faro, Portugal)", *Palaeohispanica* 4, 2004, 245-249.

Dias e Coelho 1971: M. M. A. Dias e L. Coelho, "Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada – Almodôvar (primeira notícia)", *AP* Série 3, 7-9, 1971, 262-275.

Dias, Beirão e Coelho 1970: M. M. A. Dias, C. de M. Beirão e L. Coelho, "Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar)", *AP* Série 3, 3, 1971, 175-219.

Faria, Soares e Soares 2014: A. M. de Faria, R. M. G. M. Soares e A. M. M. Soares, "Novo fragmento da inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja)", *RPA* 17, 2014, 159-166.

Ferrer i Jané 2018: J. Ferrer i Jané, *L'origen i el desenvolupament de les escriptures paleohispàniques*, Barcelona 2018 (tese policopiada).

Ferrer i Jané 2018: J. Ferrer i Jané, "Las escrituras epicóricas de la Península Ibérica", *Palaeohispanica* 20, 2020, 969-1016.

Franco e Viana 1945: M. L. Franco e A. Viana, *O espólio arqueológico de José Rosa Madeira. (separata de Brotéria XLI)*, Lisboa 1945.

Gómez-Moreno 1962: M. Gómez-Moreno, *La escritura bástulo-turdetana (primitiva hispánica)*, Madrid 1962.

Guerra 2009: A. Guerra, "Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do Sudoeste hispânico" *Palaeohispanica* 9, 2009, 323-338.

Guerra, Barros e Melro 2016: A. Guerra, P. Barros e S. Melro, "A escrita do Sudoeste: um breve ensaio de síntese", Em: Oliveira, A. P. D., Santos, C. F., Duarte, J. G. e Palma, P. J. (Eds.) *Apontamentos para a História das Culturas de Escrita: da Idade do Ferro à Era Digital (Promontoria Monográfica: História do Algarve*, *3*), Faro 2016, 23-44.

Guerra, Mataloto e Barros 2019: A. Guerra, R. Mataloto e P. Barros, *Portugal, uma Retrospectiva: 500 a.C.*, Lisboa 2019.

Jiménez Ávila 2002-2003: J. Jiménez Ávila, "Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular", *BAEAA* 42, 2002-2003, 81-118.

Machado 1964: J. L. S. Machado, "Subsídios para a História do Museu Etnológico Dr. José Leite de Vasconcelos", *AP* 2.ª série, 5, 1964, 51-448.

Maia 1988: M. G. P. Maia, "Neves II e a facies cultural de Neves Corvo", *AB* 2ª Série, 3, 1988, 23-42.

Maluquer 1968, J. Maluquer, *Epigrafia prelatina de la Península Ibérica*, Barcelona 1968.

Mataloto 2004: R. Mataloto, *Um 'monte' da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central (Trabalhos de Arqueologia, 37)*, Lisboa 2004.

Melro e Barros 2012: S. Melro e P. Barros, "Projecto ESTELA: o território da escrita do Sudoeste e a Idade do Ferro na actual região de Almodôvar", Deus, M. (org.) *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular,* Almodôvar 2012, 189-199.

Melro et al. 2009: S. Melro, P. Barros, A. Guerra e C. Fabião, "O Projecto Estela: primeiros resultados e perspectivas", *Palaeohispanica* 9, 2009, 353-359.

Meyer e Freibothe 2019: C. Meyer, R. Freibothe, *Geophysical Prospection at two Prehistoric Sites near Ameixial (Loulé, District of Faro, Portugal). Report 1851/2018.* Berlin: Eastern Atlas GmbH & Co. KG. [Policopiado].

Parreira e Barros 2007: R. Parreira e P. Barros, "Necrópoles do Algarve no 2.º e 1.º milénio a.n.e.", Em: *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve — Percursos de Estácio da Veiga (Silves, 24 e 25 de novembro de 2006) = Xelb* 7, 2007, 89-102.

Rodrigues et al. 2020: M. Rodrigues, J. Pimenta, E. Sousa, H. Mendes e A. M. Arruda, "A cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos, Portugal)", *Cira-Arqueologia* 7, 2020, 34-59.

Rodríguez Ramos 2015: J. Rodríguez Ramos, "De nuevo sobre la lectura de la escritura monumental tartesia o sudlusitana", *Veleia* 32, 2015, 125-150.

Schmoll 1961: U. Schmoll, *Die sudlusitanischen Inschriften*, Wiesbaden 1961.

Vasconcelos 1913: J. L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia, vol. III*, Lisboa 1913.

Vasconcelos 1927-1929: J. L. de Vasconcelos, "Novas inscripções ibéricas do Sul de Portugal". *AP* S. 1, 28, 1927-29, 208.

Vasconcelos 1934: J. L. de Vasconcelos, "Inscrição ibérica do Algarve", *Revista de Arqueologia* 2, 1934, 43-44.

Veiga 1891: S. P. M. E. da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, IV. Lisboa, Imprensa Nacional.

Vilhena 2006: J. Vilhena, *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado policopiada).